

EVENTOS EXTREMOS, ANTROPOCENTRISMO E BIOCENTRISMO VISTOS PELA ADE

Ubirajara Moreira Fernandes (Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista)

Márcio M. G. Silva (Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista)

Hildo Honório do Couto (Universidade de Brasília – Professor Emérito)

Abstract: The purpose of this article is to remind people that extreme events are becoming more frequent and increasingly more extreme. According to scientists, we have already reached the point of no return. What we can still do now is try to mitigate the effects of these events. According to the idea that we are all responsible, we argue that Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) is a good point of departure for discussing these issues and, who knows, remembering what can still be done so that we remain alive as a species.

Key-words: Extreme events; Life on earth; EDA; commitment; Possible attitudes.

Resumo: O objetivo deste artigo é lembrar que os eventos extremos estão se tornando cada vez mais frequentes e cada vez mais extremos. Segundo os cientistas, já chegamos ao ponto de não retorno. Assim, o que podemos fazer agora é tentar mitigar os efeitos desses eventos. Dentro da concepção de que todos nós somos responsáveis, argumentamos no sentido de que a Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE) é um bom ponto de partida para se discutirem essas questões e, quem sabe, lembrar o que ainda pode ser feito a fim de permanecermos vivos como espécie.

Palavras-chave: Eventos extremos; Vida na terra; ADE; Engajamento; Atitudes possíveis.

1. Introdução

Em suas origens em Sapir (1911, 1912), Voegelin & Voegelin (1964) e Haugen (1970), Ecolinguística se dedicava à ecologia das línguas. Nessa época, ela não se preocupava

explicitamente com o desrespeito à diversidade (em todas as suas manifestações) e a devastação da natureza exterior aos nossos corpos. A partir de Fill (1987, 1990) e sobretudo Halliday (1990), o foco de interesse da jovem disciplina voltou-se justamente para esses problemas. O fato é que atualmente é provável que mais de 80% dos trabalhos na área se dedicam a um ou outro desses tópicos de uma perspectiva crítico-discursiva. Nesse sentido, o ecolinguista inglês Arran Stibbe retomou com ênfase a tese já defendida por Alwin Fill de que é preciso mudar nossa maneira de falar do mundo, não necessariamente assumindo a postura do politicamente correto, mas no sentido de colaborar com a preservação da vida na face da terra.

A despeito dos inúmeros eventos extremos que comentaremos ao longo do artigo, os humanos continuam em sua posição antropocêntrica, achando que tudo no mundo está aí para nos servir, como muito bem tem alertado Ailton Krenak. Por isso, o que a esmagadora maioria dos ecolinguistas faz hoje em dia é uma pálida tentativa de conscientizar os formuladores de políticas e os que as aplicam de que é necessário mudar nossa postura frente ao mundo exterior aos nossos corpos, para o nosso próprio bem.

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) nasceu no seio da Linguística Ecológica (LE) como um arcabouço teórico em que essas questões podem ser discutidas de modo bastante pertinente (COUTO; COUTO; SILVA, 2021). A LE é mais ampla, permite estudar todo e qualquer aspecto da língua, inclusive questões endoecológicas (estruturais), sem descuidar das questões textuais-discursivas. Tudo da perspectiva da visão ecológica de mundo (VEM). No entanto, para o estudo crítico e engajado sobre o que os humanos estão fazendo no meio ambiente natural, no mental e no social é mais adequado o uso da subteoria ADE, que representa uma visão microscópica de questões que têm a ver com a vida, questões que podem estar invisíveis a olho nu da perspectiva abrangente da LE (COUTO, 2015). Assim sendo, toda a argumentação ao longo deste artigo tem como pano de fundo a ADE.

2. A ADE e a vida

Como anunciado no título, nosso objetivo neste artigo é mostrar que a Análise do Discurso Ecológico (ADE) e o arcabouço maior a que ela pertence, a Linguística Ecológica (LE), podem ser um bom cenário para se discutirem textos-discursos sobre eventos extremos e similares, não só devido aos dois princípios fundamentais da teoria, mas também ao fato de ela levar em conta não apenas o nível simbólico (social, político), como faz a maioria das teorias linguísticas

tradicionais, mas também ao fato de encarar os seres vivos em sua inteireza que, sobretudo no caso dos humanos, são constituídos de três dimensões, a natural, a mental e a social. Tudo isso está representado nos dois princípios fundamentais da ADE expostos a seguir.

(1) *Defesa incondicional da vida;*

(2) *Luta contra sofrimento evitável*

Esses dois princípios constituem a espinha dorsal da ADE. Tanto que eles canalizam as três citações que vamos ver logo abaixo a fim dar início a uma amostra de como se fazer análise de textos-discursos sobre a vida na face da terra. Tudo passará pelo funil e pelo cadinho desses dois princípios. A primeira parte (1) expressa o caráter normativo da Ecologia Profunda (EP) assumido pela ADE. Isso está explicitado no oitavo princípio da EP apresentado no Apêndice. Em outros termos, há uma recomendação aos seguidores da ADE para que ponham em prática esses princípios. A segunda parte (2) representa uma das facetas mais importantes da primeira, isto é, recomendar uma luta contra todo e qualquer sofrimento evitável. Existem também sofrimentos e dores inevitáveis, aquelas que existem para que os seres vivos defendam a integridade de seus corpos, evitando sua mutilação.

As duas primeiras citações que gostaríamos de incluir como reforçadoras do caráter normativo da ADE são justamente do criador da Ecologia Profunda, Arne Naess. Elas estão expostas em (3) e (4).

(3) *Não inflija sofrimento desnecessário em outros seres vivos* (NAESS, 1989, p. 171);

(4) *Tenha compaixão pelos seres sencientes* (NAESS, 2002, p. 45).

O que está dito em (3) e (4) também trata diretamente da defesa da vida e, o que é mais, de maneira normativa, com os verbos no imperativo (*não inflija, tenha compaixão*). Na verdade, Naess afirma que a EP é prescritiva (*prescriptive*), no sentido de prescrever aos seus seguidores a obrigação de intervir em prol da vida.

Existem muitas outras citações bastante conhecidas que vão na mesma direção do que interessa ao que estamos discutindo. Uma delas é o provérbio alemão de (5).

(5) *Não maltrate um animal por prazer, pois ele sente dor como você*

Como a duas citações de Arne Naess, esse provérbio é também de caráter normativo (*Não maltrate ...*). O fato de o pensamento estar formulado em um provérbio é interessante, pois, como sabemos, os provérbios cristalizam fragmentos da sabedoria popular. Se os devastadores do meio ambiente agissem como recomenda essa sabedoria, certamente não estaríamos vivendo os seguidos desastres que vemos nos dias de hoje. Pelo menos não com a intensidade que estamos vendo.

A sabedoria popular que se manifesta na direção de viver em harmonia com o mundo externo aos nossos corpos existe até com mais intensidade em grupos étnicos tradicionais. Praticamente todos eles respeitam a natureza exterior aos corpos das pessoas. É o caso da reflexão expressa em (6).

(6) *Quando a última a árvore for cortada, o último peixe for pego, o último rio envenenado, só então perceberemos que não se pode comer dinheiro.*

Trata-se de um conhecido provérbio nativo norte-americano (canadense) que é citado muitas vezes. É interessante notar que ele inclui as três dimensões da vida. A primeira é constituída pelas plantas, representadas pela árvore. A segunda tem a ver com a vida animal, no caso, os peixes. A terceira envolve as bases para a vida na face da terra, a água. Sem ela não há vida. O provérbio termina com a advertência de que a vida pode existir sem os artefatos, no caso um artefato de valor apenas social (dinheiro). Porém, sem água, não há vegetação, não há animais, logo, não há humanos, pois, por mais que queiramos enfatizar o antropocentrismo, nós somos seres animais que dependem de praticamente as mesmas coisas que os demais animais. Em suma, esse provérbio mostra que culturas não europeias veiculam aproximadamente a mesma coisa que o provérbio alemão, mas de forma até mais impactante.

Aliás, discussões relativamente recentes sobre direito dos animais, das plantas e da natureza em geral nada mais fazem do que reproduzir o que grupos étnicos tradicionais vinham dizendo e fazendo há milênios. Como veremos na seção 7 mais abaixo, essas culturas têm consciência de que sem as bases abióticas (inorganicidade), não há vegetação (vegetalidade) e sem as duas não há vida animal (animalidade) que inclui a vida humana (humanidade). Os eventos extremos estão afetando tudo isso.

3. Eventos extremos no nível natural

No dia 16 de setembro de 2024 todas as atividades no *campus* da Universidade de Brasília foram suspensas devido a um incêndio que grassava na Floresta Nacional de Brasília. Toda a região já estava 146 dias sem chuva. No dia seguinte, a situação piorou. Em algumas quadras da Asa Norte, mal se conseguia ver o prédio vizinho, distantes um do outro cerca de 15 metros, devido à intensidade da fumaça. Era muito difícil respirar. O pior é que o problema não é só de Brasília nem só do Brasil, vítima de vários desastres nos últimos tempos: incêndios no Pantanal, seca na Amazônia, enchentes e alagamentos no Rio Grande do Sul e, pouco depois, seca na mesma região desses alagamentos. E assim por diante.

Há pessoas que acham que tudo isso é parte da natureza, sobretudo os incêndios. Porém, tem sido demonstrado que deslizamentos de terras nas encostas e desmoronamentos de margens de rios se devem em grande medida à ação humana. Esses últimos em grande parte devido à destruição das matas ciliares, que são uma proteção dos barrancos das margens dos rios.

Houve enchentes e alagamentos até no deserto. Eles ocorreram em Marrocos, no Egito, na Arábia Saudita, nos Emirados Árabes e diversos outros lugares, ironicamente, quase ao mesmo tempo em que a Amazônia sofria com uma terrível seca. Pouco tempo depois, o deserto árabe da região de Al-Jawf próxima à Jordânia ficou coberto de neve pela primeira vez na história, após fortes chuvas e granizo. Para piorar, havia previsão de ventos fortes e chuvas torrenciais como as de Dubai um pouco antes.

Quando começamos a discutir sobre a elaboração deste artigo estava havendo incêndios em Portugal, inundações na Europa Central (Áustria, Polônia, Romênia, República Tcheca etc.), na China e em muitos outros lugares. Em 31 de outubro de 2024 houve enchentes devastadoras na Espanha, com vários mortos. Houve incêndios também devastadores no Canadá em 2023 e 2024. Há os incêndios sazonais na Califórnia (EUA) que, por mais de duas semanas de janeiro de 2025 foram os mais devastadores da história da região, destruindo as mansões de muitos milionários. Incêndios sazonais existem em diversas outras regiões do mundo. São casos um atrás do outro.

A tudo isso acrescentem-se os surtos de vírus, como o coronavírus de 2019 a 2022, discutido por Silva (2020), e diversas outras epidemias e pandemias. A qualquer momento pode irromper mais uma epidemia, que poderá virar uma pandemia. Esses eventos têm se tornado cada vez mais extremos e intensos e cada vez mais frequentes. Ironicamente, como lembrou Ailton Krenak, durante a pandemia da covid-19, “por um breve período, os humanos botaram o pé no freio e os

golfinhos festejaram, as baleias dançaram, a água dos rios e dos oceanos ficou mais bonita” (KRENAK, 2025).

Existem outros fenômenos naturais (nível natural) inevitáveis tais como vendavais, tempestades, ciclones (extratropicais), tornados (EUA), furacões/tufões, terremotos (em várias partes do mundo), tsunamis (vários países da Ásia) etc. Em setembro e outubro de 2024 houve dois furacões devastadores no sudeste dos EUA. Os furacões são naturais até certo ponto, mas sua frequência e intensidade podem se dever ao aquecimento das águas do mar, o que tem a ver com o aquecimento global, grandemente causado pelo consumo exagerado de combustíveis fósseis, emissão de gases de efeito estufa, como o CO₂. Para completar, os cientistas dizem que o ano de 2024 foi o mais quente da história. Enfim, segundo algumas estatísticas, em 2024 houve mais de 150 eventos extraordinários no mundo.

Existe ainda a possibilidade de cataclismos de proporções cósmicas, aparentemente independentes da ação humana, como a colisão de um grande asteroide contra a terra ou um possível efeito das tempestades solares. Não se trata de ser profeta do apocalipse, mas de ser realista diante do que já estamos vendo.

4. Distúrbios no nível social

Os eventos extremos comentados na seção anterior estão todos na dimensão natural. Com exceção das epidemias e pandemias de vírus, eles se deram, se dão e se darão no que poderíamos chamar de natureza externa aos nossos corpos, não na nossa constituição fisiológica. Mas, há distúrbios (desastres) também nos níveis mental e social.

No nível social, temos as guerras, desastres causados exclusivamente pelos humanos, que levam a muita devastação ao ambiente construído e até ao ambiente natural, com muita morte e sofrimentos evitáveis, como as provocadas pelas bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, bem como os desastres de Three Mile Island na Pensilvânia nos Estados Unidos, em 1979; o acidente nuclear de Tchernobyl na antiga União Soviética (hoje Ucrânia) em 1986. Em 2011, em Fukushima (Japão), um terremoto causou um tsunami que atingiu a usina nuclear local, liberando materiais radioativos para o meio ambiente, causando várias explosões. No momento atual (final de 2024) temos dois exemplos bastante desastrosos: a guerra de Israel contra os palestinos na Faixa de Gaza e no sul do Líbano, por um lado, e a invasão da Ucrânia pelo ditador da Rússia. A primeira fez da Faixa de Gaza uma terra arrasada. Além disso, alguns países estão quase sempre em estado de beligerância,

tais como o Irã, Coreia do Norte, a Rússia etc.

Há beligerâncias em níveis menores, como as que se dão entre grupos étnicos, ou entre segmentos da sociedade que seguem uma ideologia radical, fundamentalista. As pessoas brigam e às vezes se matam simplesmente porque seguem ideologias diferentes, não por causa de algo vital. Essa animosidade entre povos e entre indivíduos, às vezes até entre parentes próximos, pode levá-los a se agredirem simplesmente por seguirem ideologias diferentes, como a atual polarização política no Brasil, e no mundo.

Como eventos como os narrados nesta seção têm a ver diretamente com a ação humana, é importante lembrar que há vozes que apregoam no sentido de evitá-los. É o caso do linguista da paz Francisco Gomes de Matos. Durante toda sua carreira profissional como linguista aplicado, ele vem defendendo uma pedagogia da positividade (MATOS, 1996). Essa pedagogia sugere que procuremos usar vocabulário positivo, respeitando o interlocutor para que haja paz entre eles, uma “paz comunicativa”. Em sua opinião, comunicar bem é comunicar para o bem, respeitando o próximo e a natureza. Em Matos (2006), ele fala explicitamente em “direitos dos animais” (57, 67) e em “educação ambiental”. Infelizmente, porém, e para usar uma metáfora cristã cara a ele, trata-se de uma voz pregando no deserto. Nesse contexto, não se pode esquecer a pregação do já mencionado filósofo de origem indígena Ailton Krenak.

5. Problemas no nível mental

Os desastres naturais e, sobretudo, os conflitos sociais podem reforçar, e têm reforçado, a existência de muitos conflitos mentais. Nesse nível existem inúmeras neuroses e psicopatias. Além de pequenos e grandes atritos entre pessoas e entre grupos, a cada dia surge um novo nome para uma nova (nova?) psicopatia, além de algumas mais tradicionais, como “loucura” (de médico e de louco todo mundo tem um pouco), demência, ansiedade, depressão, esquizofrenia, transtorno bipolar, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), transtorno do espectro autista (TEA), transtorno de déficit de atenção (TDA), transtorno de *deficit* de atenção e hiperatividade (TDAH), transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), transtornos alimentares (anorexia, bulimia) etc. A cada dia surge mais um nome para novo transtorno.

Amiúde o nome para uma nova “mania/psicopatia” vem em inglês. Assim, além de *stress*, hoje fala-se muito em *burnout*, *stalking*, *gaslighting*, *bullying*, *cyberbullying* etc. O primeiro (*burnout*) às vezes era chamado de estafa ou simplesmente cansaço. Quanto a *bullying* sempre existiu entre

crianças, jovens e adolescentes, com frequência no ambiente escolar. Com o advento das redes sociais, surgiu nova modalidade de *bullying*, o *cyberbullying*. Vale dizer, à medida que a sociedade avança, avançam também os problemas mentais.

Há muitas ofensas verbais. Algumas de nível inteiramente individual, outras envolvem a pessoa como ser social. É o caso da difamação que, segundo o *Aurélio*, é o ato ou efeito de difamar, de tentar levar alguém ao descrédito em seu círculo social. Como o próprio termo difamar já sugere, é uma espécie de “tirar a fama da pessoa”, desacreditando-a publicamente. A difamação pode se apresentar sob a forma de calúnia, ou seja, mediante acusações falsas. Em nível mais individual, pode ser uma injúria, que se dirige mais diretamente à pessoa ofendida. O insulto é outra forma de ofensa dirigida diretamente ao ofendido. Enfim, a língua dispõe de um vasto vocabulário para designar ofensas, tanto individuais quanto sociais, ou seja, que afeta a vida social da pessoa, tanto em nível individual quanto no ambiente em que a pessoa ofendida vive. Em alguns casos mais drásticos, temos os xingamentos, que podem preceder as vias de fato.

Enfim, a degradação da vida na face da terra se manifesta nos três níveis reconhecidos pela Linguística Ecológica, ou seja, o natural, o mental e o social. Está havendo uma desagregação em todos esses níveis.

6. Biocentrismo e ecocentrismo, não antropocentrismo

Tudo isso tem levado algumas pessoas a falarem em “fim do mundo”, em um “apocalipse” próximo. Quem diz isso revela o antropocentrismo de achar que o desaparecimento dos humanos seria fim do mundo, o que implicaria que os humanos são o mundo. No contexto da ADE já foi dito que o mundo seguirá seu curso conosco ou sem nós. Cabe a nós decidirmos se queremos continuar nele. A propósito, vale a pena reproduzir o que disse o tantas vezes citado ecologista americano Christopher Manes:

*“Se os fungos, um dos seres ‘mais baixos’ na escala de valores humanos, se extinguissem amanhã, o efeito no resto da biosfera seria catastrófico, uma vez que a saúde das florestas depende do fungo micorrízica (Mycorrhizal), e o desaparecimento das florestas perturbaria a hidrologia, a atmosfera e a temperatura de todo o globo. Ao contrário, se o **homo sapiens** desaparecesse, o fato passaria inteiramente ignorado pela grande maioria das formas de vida sobre a terra” (MANES, 1996, p. 24).*

Os seguidores da ADE diriam que as demais formas de vida agradeceriam o desaparecimento dos humanos e floresceriam com muito mais vigor. Krenak (2025) disse que “o planeta Terra não suporta mais a nossa presença aqui, e está a ponto de nos cuspir ou vomitar. O que eu acho muito bom. Ele vai ficar muito melhor sem a gente. Bilhões de outras espécies não humanas vão agradecer”.

A pergunta que se põe é: Por que os humanos não tentam remediar a situação, adotando pelo menos medidas paliativas, pois, como os cientistas disseram, já ultrapassamos o ponto de não retorno? Por que não aprender com os grupos étnicos originários e procurar viver em harmonia (simbiose, comunhão) não apenas no nível social, mas também no mental (em harmonia conosco mesmos) e no natural?

Em 1948 a ONU criou a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Bem mais tarde algumas vozes começaram a defender os direitos dos animais, das plantas e até da “natureza”. Pusemos “natureza” entre aspas porque ela não existe separada dos humanos, nós somos parte dela, o que implica que ofender ou defender a natureza é ofender ou defender a nós mesmos.

Em 1978 foi proclamada pela UNESCO a Declaração Universal dos Direitos Animais, assunto já ventilado até nas legislações formais de alguns países, entre eles o Brasil. Já no século XVIII, Jeremy Bentham havia dito que “talvez chegue o dia em que o restante da criação animal venha a adquirir os direitos dos quais jamais poderiam ter sido privados, a não ser pela mão da tirania” porque o que importa não é a capacidade de raciocinar, mas a possibilidade de sofrer. Do contrário, bebês e pessoas especiais, teriam que ser tratadas como coisas. Para ele, “A questão não é ‘eles podem pensar’? ou ‘eles podem falar’?, mas ‘eles podem sofrer’?”. Vale dizer, três séculos atrás já havia pensadores que alertavam contra nosso antropocentrismo.

Já se falou também em direito das plantas, havendo proposta de uma Declaração Universal dos Direitos das Plantas, com vários artigos, embora não formalizada como a dos humanos e dos animais, além dos direitos da natureza. Thomas Berry falou em Jurisprudência da Terra, com as leis da sociedade derivando das leis da natureza, pois “o universo é uma comunhão de sujeitos, não uma coleção de objetos”. Nos EUA alguns estados mencionam esses direitos em suas leis. Infelizmente, porém, essas ideias, atividades e advertências têm permanecido como letra morta. Apesar da validade de todas elas, apesar de suas boas intenções, o mundo continua sendo guiado pelos interesses econômico-financeiros. Boas intenções não são suficientes, pois como diz a

sabedoria popular, de boas intenções o inferno está cheio. É necessário que haja ação como recomendado pela EP, pela ADE e pelos provérbios de (5) e (6) acima.

Mediante os princípios de *Defesa incondicional da vida* e de *luta contra o sofrimento evitável* a ADE é um cenário em que tudo que foi apresentado pode ser discutido de modo bastante pertinente. Afinal, ela é parte da Linguística Ecológica, que começa no portal para a entrada na visão ecológica de mundo (VEM). Esse portal é o ecossistema linguístico, que nos lembra que tudo nas culturas (língua, símbolos, crenças etc.) pode ser representado no L do conhecido tripé da LE. Este L, por sua vez, só existe e subsiste na mente das pessoas (P), em seu imaginário (HARARI, 2020). As pessoas, por seu turno, só podem viver e conviver em algum lugar, seu território (T).

Para que tudo isso aconteça é necessário que deixemos de lado nosso antropocentrismo e adotemos o **biocentrismo** e o **ecocentrismo**, seguindo as recomendações da Ecologia Profunda, da filosofia de vida de Gandhi, entre outras mais antigas e outras mais modernas. Como disse o precursor da LE, Peter Finke (2022), o antropoceno falhou, por isso devemos substituí-lo pelo **gaiaceno** (FINKE, 2022). Em outros termos, encarar tudo pela ótica da visão ecológica de mundo (VEM). Infelizmente em geral nem os políticos nem a maioria das pessoas comuns se preocupam com o que foi apresentado. Os políticos estão preocupados apenas com o poder. Um bom exemplo é o debate entre dois postulantes a prefeito da cidade de São Paulo. Um deles provocou o outro tanto que este jogou uma cadeira nele. A preocupação deles não era com a poluição, a miséria (moradores de rua), temporais derrubando árvores e causando apagões em sua cidade nem, muito menos, com os incêndios que assolavam o interior de seu estado naquele exato momento.

Como disse o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, não há mais debates saudáveis, que ele chama de rituais, rituais que refletiriam os padrões interacionais harmônicos da sociedade (HAN, 2020). As pessoas em geral só veem mensagens fugazes recebidas pelas redes sociais, de forma aditiva, uma após outra. Assim que uma delas é vista é também descartada e esquecida, pois em seguida vem outra, mais outra, mais outra..... Mesmo que vissem algo sobre o desinteresse dos políticos pelo bem público, o fato não permaneceria em suas memórias. Votam em um político, ele não cumpre o que prometeu, mas votam nele de novo na eleição seguinte. A atitude é: o que acontece na política não tem a ver comigo.

Os políticos e a maioria de nós não se preocupam com os fenômenos naturais porque “não há o que fazer”. Talvez porque como disse Edgar Morin – e como já dizia Francis Bacon (1561-1653)

—, embora partindo de premissas radicalmente diferentes, “a sociedade moderna pensa que pode se emancipar do mundo exterior dominando-o” (MORIN, 2007, p. 14). Morin continua dizendo que “a terra não nos pertence, nós é que pertencemos a ela”, o desenvolvimento e o crescimento industrial nos conduzem a um desastre irreversível (p. 54, 88). E os desastres estão ocorrendo cada vez com mais frequência e mais intensidade, como já salientamos.

Urge voltarmos a valorizar os rituais comunitários, nos termos de Han (2020), ou seja, agirmos em comunhão não apenas entre nós (nível social) mas também com a natureza (nível natural), como apregoa a Ecologia Profunda de Arne Naess. Assim, viveríamos em paz conosco mesmos (nível mental). Couto (2024) defendeu um diálogo com a natureza exterior aos nossos corpos, uma vida em simbiose, harmonia e comunhão com ela, o que infelizmente está longe da realidade.

As pessoas estão mais ocupadas com a tela de seus celulares do que com a escolha dos políticos em quem vão votar e, muito menos, fiscalizar suas ações após eleitos. Há uma alienação total no que tange ao exterior aos seus corpos. Com isso, temos, além dos desastres naturais e das tragédias sociais, as agressões e tragédias individuais recém-mencionadas.

Para os ecolinguistas, como cientistas da linguagem, os linguistas em geral também são responsáveis e devem trabalhar no sentido da conscientização dos erros que estamos cometendo contra a natureza exterior aos nossos corpos. Por isso, o estudo e aplicação da ADE poderiam amenizar esses descabros, pois ela recomenda veementemente uma defesa incondicional da vida, defesa que inclui uma luta constante contra sofrimentos evitáveis. Afinal, como a LE de cujo arcabouço teórico ela faz parte, ela parte do ecossistema que, segundo os linguistas ecossistêmicos, é o cenário em que a vida começa, tem sua duração e seu final.

Por fim, tem-se falado em genocídio, que seria levar todo um povo ao desaparecimento. Porém, maior do que isso é o ecocídio, o processo que leva ao aniquilamento de toda a vida em determinado ecossistema. No espírito da Ecologia Profunda, a defesa do ecocídio é mais ampla do que a do genocídio, portanto, lutar contra o primeiro é lutar também contra o segundo, pois os humanos são parte da vida em geral, como passaremos a discutir na seção seguinte.

7. Inorganicidade, vegetabilidade, animalidade e humanidade

Nós, falantes de português, temos pejo para usar neologismos, coisa que os anglófonos não têm no mesmo nível. Mas, a vida dos humanos é parte da vida em geral, que inclui todas as demais formas de vida. A vida dos animais depende da vida dos vegetais e tudo isso depende das bases físicas

(abióticas) tais como solo, água, ar, temperatura etc. Para designar cada um desses domínios propomos quatro nomes que poderão levar muito purista a ficar arrepiado. Assim, a vida dos humanos é o domínio da humanidade; a dos animais em geral, a animalidade; a dos vegetais, a vegetabilidade. As bases para todas elas constituem o que podemos chamar, por falta de termo melhor, de inorganicidade, o domínio do mundo inorgânico. Afinal, vida não é só a dos humanos. Tanto que a Ecologia biológica distingue biocenose (comunidade biológica, de todos os seres vivos), de sociedade que inclui apenas uma espécie, e nós achamos que somos essa espécie. Precisamos deixar de lado nosso antropocentrismo ao agirmos como se existisse apenas a sociedade humana.

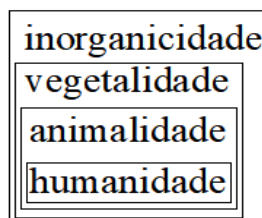
Muita gente pensa que valorizar a animalidade e a vegetabilidade é assumir uma atitude de misantropia. Mas, como Arne Naess disse, significa considerar a vida humana em um contexto maior, contexto que extrapola o estreito domínio do antropocentrismo. Quando fala em defesa incondicional da vida e em luta contra sofrimento evitável a ADE inclui todos os seres vivos, reconhecendo que às vezes determinada espécie se alimenta de espécimes de outra. O fato de o leão abater uma gazela para se alimentar é muito diferente das orgias de carne que os humanos promovem em uma churrascada de fim de semana. Mais, o leão não mata nenhum outro ser por prazer como os humanos fazem na caça e na pesca lúdicas. Um bom exemplo é a foto do ex-rei da Espanha Juan Carlos em pé, com o fuzil na mão exibindo como troféu um elefante que abateu na África (RAMOS, 2013).

Que haja sofrimento no nível da humanidade e da animalidade, parece óbvio. O que não parece tão óbvio é que no da vegetabilidade ele possa existir também. Porém, pesquisas recentes têm descoberto sinais de que as plantas também sofrem. Os seres inorgânicos nos parecem sem muito valor, são seres brutos. No entanto, deve ser observado que se a matéria inorgânica se aglomera formando as pedras, as montanhas, os corpos celestes, a destruição desnecessária de sua integridade de alguma forma é destrutiva, logo, ofensiva. O solo normalmente é fixo, mas os elementos mais fluidos como a água e o ar (vento) são dinâmicos, estão sempre se movendo. Os grupos étnicos tradicionais não têm nenhuma dúvida de que na vegetabilidade e na inorganicidade também há sofrimento. Tanto que adoram a montanha, o rio, veneram o vento, veem os céus (o firmamento) como algo sagrado etc.

Em Otsu (2006) são exploradas “as lições das estações”, “as lições da água”, “as lições do bambu”, “as lições da árvore” e “as lições do céu”, nomes de cada capítulo de seu livro. Por partir

basicamente da filosofia oriental, ele diz que “ao contrário das outras linguagens simbólicas como tarô, búzios e astrologia, o *I ching* não tem figuras de origem cultural. [...] o *I ching* não se baseia em imagens criadas pelo homem como mago, carro, torre, papa, ou em personagens mitológicos como Júpiter, Vênus, Saturno, nem em entidades como Exu, Iemanjá, Iansã”, todos criações da mente humana. “Os símbolos básicos do *I ching* são elementos da natureza como: céu, terra, trovão, água, montanha, vento, madeira, fogo e lago”. Toda a argumentação da filosofia oriental, como o taoísmo, se baseia na observação da natureza (p. 105).

Como a Ecologia Profunda em que se inspira, a ADE se preocupa não só com a humanidade, mas com os outros três domínios, pois a vida no sentido mais amplo abrange todos eles. O respeito se deve estender inclusive às bases para a existência da vida, tais como o solo, o ar, as águas, constituintes abióticos dos ecossistemas, ou seja, a inorganicidade. Como mostra a figura a seguir, em termos de abrangência, a humanidade é o domínio mais restrito.



Seguindo uma de suas maiores fontes de inspiração – a Ecologia Profunda –, a Análise do Discurso Ecológico leva em conta as quatro dimensões. Com efeito, sem os componentes abióticos do ambiente vital (*Lebensraum*), do ecossistema (solo, águas, ar, temperatura etc.), não há vegetação; sem vegetação não há vida animal, da qual a vida humana faz parte. Eles constituem o biótopo da biocenose (comunidade biológica), de que a sociedade faz parte. A conclusão inevitável é a de que para defender a vida é preciso defender as quatro dimensões. Para a vida na face da terra elas são muito mais importantes do que ideologias (políticas, religiosas etc.) e relações de poder. Sem vida não há ideologias.

8. Observações finais

Há muito mais coisas que poderiam ter entrado na discussão supra. Entre elas o respeito à diversidade no sentido mais amplo. Isso incluiria o respeito às minorias de todos os tipos, no nível natural, no mental e no social, se bem que os primeiros formaram o objeto central do artigo. Mas, no nível social existe ainda o respeito às línguas de povos minorizados, muitas delas em risco de

extinção. No mental, está havendo uma crescente conscientização sobre os problemas psicológicos que afligem as pessoas sobrecarregadas de obrigações pelo competitivo sistema capitalista. Além disso, estamos viciados pela cultura digital como por uma droga, em vez de nos encontrarmos com outras pessoas e bater um bom papo, como de novo diz Krenak.

Esperamos que deve ter ficado claro que a questão da vida na face da terra é muito mais importante do que as questões ideológico-políticas, do que o poder econômico e o militar, como o dos Estados Unidos, da China e da Rússia, e até da pequena Coreia do Norte que, pelo pouco que sabemos, prioriza a produção de armas em vez do bem-estar da população. A LE de que a ADE faz parte começa na constatação de que sem meio ambiente saudável (a terra), não há pessoas e seres viventes em geral e, sem pessoas, não há língua nem cultura. Isso está refletido no conhecido tripé P, T, L.

A ADE estreita o foco, dirigindo-o especificamente para o que tem a ver com a vida na face da terra. Não é para menos que seus dois princípios são (1) defesa incondicional da vida e (2) luta contra sofrimentos evitáveis.

Referências

- COUTO, Elza Kioko N. N. do. “Diálogos com o meio ambiente: Ecolinguística e história ambiental”, palestra apresentada no IV Colóquio em Letras EaD – Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, 23 a 24 de maio de 2024
- COUTO, Elza K. N. Nenoki do; RAMADAN, Maria Ivoneti B. *Análise do discurso ecossistêmica: Teias e trilhas do ecossistema mental*. Campinas: Pontes, 2024.
- COUTO, Hildo Honório do. Linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, p. 7-81, 2015.
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, Hildo; COUTO, Elza; SILVA, Anderson. Ecosystemic Discourse Analysis (EDA). *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, p. 05-17, 2021.
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36017/29022>
- DARWIN, Charles. *The origin of species*. Londres: J. M. Dent & Sons Ltd, 1951 (1a ed. 1859).
- FERNANDES, Ubirajara Moreira. Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na Análise do Discurso Ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, p. 46-53, 2021.
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36698/29027>
- FILL, Alwin. *Wörter zu Pflugscharen: Versuch einer Ökologie der Sprache*. Viena: Böhlau, 1987.
- FILL, Alwin. *Ökologielinguistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr, 1993.
- FINKE, Peter. *Mit zum Gaiazän: As Anthropozän hat versagt*. Munique: Oekom, 2022.
- HALLIDAY, Michael A. K. News ways of meaning: The challenge of applied linguistics. Conferência Plenária na AILA, Tessalônica, Grécia, 1990. Publicado em *Journal of applied linguistics* n. 6, p. 7-36, 1990.
- HAN, Byung-Chul. *The Disappearance of Rituals: A Topology of the Present*. Cambridge, RU:

- Polity Press, 2020 (Original alemão: *Vom Verschwinden der Rituale*).
- HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2020.
- KRENAK, Ailton. Entrevista concedida a Marisa Adán Gil em *Época Negócios*, 27/01/2025.
- MANES, Christopher. Nature and silence. In: GLOTFELTY, Ch., FROMM, H. (orgs.). *Ecocriticism reader: Landmarks in Literature and Ecology*. Athens: The University of Georgia Press, p. 15-29, 1996.
- MATOS, Francisco Gomes de. *Pedagogia da positividade: Comunicação construtiva em português*. Recife: Editora Universitária, 1996.
- MATOS, Francisco Gomes de. *Comunicar para o bem: Rumo à paz comunicativa*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2ed., 2006.
- MORIN, Edgar. *L'An un de l'ère écologique*. Paris: Tallandier, 2007.
- NAESS, Arne. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- NAESS, Arne. *Life's philosophy: Reason and feeling in a deeper world*. Athens: The University of Georgia Press, 2002.
- OTSU, Roberto. *A sabedoria da natureza*. São Paulo: Ágora, 2006.
- RAMOS, Rui. O rei de Espanha foi caçar elefantes: A construção discursiva do evento nos *media* portugueses. *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 14, n. 1, p. 17-40, 2013.
- SAPIR, Edward. Language and environment. Conferência na Associação Antropológica Americana, 28/12/1911. *American Anthropologist* n. 14, p. 226-242, 1912.
- SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecológica. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, p. 90-106, 2020.
- <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>
- VOEGELIN, Charles F.; VOEGELIN, Florence M. "Languages of the world – Native America, fascicle one". *Anthropological linguistics* v. 6, n. 6, p. 1-149, 1964.

Apêndice: Princípios da Plataforma do Movimento da Ecologia Profunda

1. O bem-estar e o florescimento da vida humana e da não-humana sobre a terra têm valor em si próprios (sinônimos: valor intrínseco, valor inerente). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não-humano para propósitos humanos.
2. A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores e são valores em si mesmas.
3. Os humanos não têm nenhum direito de reduzir essa riqueza e diversidade, exceto para satisfazer necessidades humanas **vitais**.
4. O florescimento da vida humana e das culturas é compatível com uma substancial diminuição na população humana. O florescimento da vida não-humana exige essa diminuição.
5. A interferência humana atual no mundo não-humano é excessiva, e a situação está piorando rapidamente.
6. As políticas precisam ser mudadas. Essas políticas afetam estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas básicas. O estado de coisas resultante será profundamente diferente do atual.
7. A mudança ideológica é basicamente a de apreciar a qualidade de vida (manter-se em situações de valor intrínseco), não a de adesão a um sempre crescente padrão de vida. Haverá uma profunda consciência da diferença entre grande e importante.
8. Aqueles que subscrevem os pontos precedentes têm a obrigação de tentar implementar, direta ou indiretamente, as mudanças necessárias (*apud* COUTO, 2007, p. 37).

Aceito em 15 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.